



**A Importância da Demonstração do Fluxo de Caixa para as Micros e Pequenas
Empresas no Processo de Tomada de Decisão**

**The Importance of Cash Flow Statement for Micro and Small Enterprises in the
Decision Making Process**

Rodrigo Moreira de Souza¹

Adenes Teixeira Alves²

Leonor Bernadete Aleixo dos Santos³

Sâmia Regina Picanço de Jesus⁴

Eduardo Genaro Escate Lay⁵

Resumo

O objetivo nesse artigo é apresentar a importância do uso da Demonstração do Fluxo de Caixa no processo decisório em Micro Empresas e tem como finalidade aumentar a visão dos Micro e Pequenos Empresários, na qual a qualidade da gestão contribui com resultados ótimos ou capazes de aperfeiçoamento para decisões futuras. Com crescimento e as modificações ocorridas no mercado verifica-se o aumento da competitividade entre as empresas, assim exigindo do Micro e Pequeno Empresário eficiência na ferramenta que irá usar para melhorar o desempenho operacional e obter êxitos sobre as decisões tomadas. A capacidade de sobrevivência da Micro e Pequena Empresa está atrelada no modelo de gestão utilizado, no qual o Empresário se vê na difícil missão de organizar todo processo que envolve o desenvolvimento da empresa e que, planejar e orçar estão ausentes antes de qualquer decisão tomada. O uso do planejamento agiliza decisões que contribui com o melhoramento da comunicação e relacionamento dos envolvidos nas operações realizadas no desenvolvimento da empresa, e orçar as entradas e saídas da empresa implicar na desenvoltura do planejamento

¹Graduando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. *E-mail:* romoreira_souza@hotmail.com

²Graduado em Ciências Contábeis com Pós Graduação em Direito Tributário. Mestre em Contabilidade e Controladoria. Doutorando em Biotecnologia pela Rede de biodiversidade e biotecnologia da Amazônia - BIONORTE da Universidade Federal do Amazonas. *E-mail:* professoradenes@hotmail.com;

³Mestre em Contabilidade e Controladoria pela Universidade Federal do Amazonas, especialização em Auditorias Interna e Externa pelo CIESA, graduado em Ciências Contábeis pelo Centro Integrado de Ensino Superior do Amazonas. *E-mail:* leonorbernadete@gmail.com.br;

⁴Mestre em Contabilidade e Controladoria pela UFAM, especialização em Gestão Financeira pelo CIESA e graduação em Ciências Contábeis. *E-mail:* samiadejesus71@gmail.com.

⁵ Doutor em Psicologia e Educação na Universidad de León (Espanha); Mestre em Engenharia de Produção na Universidade Federal do Amazonas (Brasil); especialização em Gestão Ambiental Estratégica na Universidade Federal do Amazonas (Brasil); especialização em Matemática na Universidade Federal do Amazonas (Brasil); especialização em Auditoria Independente no Colégio de Contadores Públicos de Lima (Perú); especialização em Ingeniería de Sistemas na Universidad de Lima (Perú); graduação em Contabilidad y Auditoria - Universidad de Lima (Perú). *E-mail:* genaroescateleone@gmail.com.

Souza, R.M., Alves, A.T., Santos, L.B.A., Jesus, S.R.P, Lay, E.G.E; A Importância da Demonstração do Fluxo de Caixa para as Micros e Pequenas Empresas no Processo de Tomada de Decisão. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas V.4, Nº3, p.1-17, Set/Dez. 2019. Artigo recebido em 10/10/2019. Última versão recebida em 12/11/2019. Aprovado em 05/12/2019.

para que não haja falhas nas tomadas de decisões, tornando o controle do Fluxo de Caixa um grande aliado do Micro e Pequeno Empresário.

Palavras-chaves: *Fluxo de Caixa. Tomada de decisão. Planejamento.*

Abstract

The purpose of this article is to present the importance of using the Cash Flow Statement in the decision-making process in Micro Enterprises and aims to increase the view of Micro and Small Entrepreneurs, in which the quality of management contributes with optimal results or capable of improvement for future decisions. With growth and changes in the market, there is an increase in competitiveness among companies, thus demanding from Micro and Small Entrepreneurs efficiency in the tool they will use to improve operational performance and obtain successes on the decisions taken. The survival capacity of the Micro and Small Company is linked to the management model used, in which the Entrepreneur finds himself in the difficult mission of organizing the entire process that involves the development of the company and that, planning and budgeting are absent before any decision is made. The use of planning streamlines decisions that contribute to the improvement of communication and relationships of those involved in the operations carried out in the development of the company, and to budget the company's inputs and outputs implies in the planning resourcefulness so that there are no flaws in decision making, making the control of Cash Flow, a great ally of Micro and Small Entrepreneurs.

Keywords: *Cash Flow. Decision making. Planning.*

1. INTRODUÇÃO

Grande parte das empresas de pequeno porte ao iniciar suas atividades falha principalmente no primeiro ou segundo ano. Isto é principalmente devido a problemas de tesouraria. Na perspectiva da empresa de pequeno porte, o fluxo de dinheiro é a medida financeira mais importante, pois determina o valor das pequenas empresas, bem como determina a sua sobrevivência. Isso é vital na atual turbulência financeira. A maioria dos pequenos empresários não têm a prioridade e importância local de gestão de tesouraria. Esta é a principal causa do fracasso da maioria das pequenas empresas nos primeiros anos de operação.

Dessa forma, com o fim de se ter uma gestão eficaz do fluxo de caixa, é necessário se ter um sistema de contabilidade, que controlem o fluxo de caixa e forneça informações de quanto crédito é necessário em relação aos custos, despesas e receitas do negócio para controle de custos e formas de melhorar receitas e o período de coleta de recursos. Se algum novo negócio não dispõe de capital suficiente para um sistema próprio de informação financeira pode recorrer à ajuda externa para melhor gerenciar o fluxo de caixa.

Assim, os empresários devem ter objetivos claros, quantificados, bem como um plano de negócios e de marketing; revisá-los continuamente para que possam reduzir sua despesa na estrutura de custos e operações de negócios e utilizando sua força em relação aos concorrentes para manter a cota de mercado e lucratividade. Além disso, devem considerar o comércio virtual (e-commerce), como ferramenta de visibilidade internacional e potencial para ganhos e rendas.

À vista disso, com a globalização dos mercados pode fornecer setores de “nicho de mercado” que podem ser rentáveis para as empresas de pequeno porte, que podem obter empréstimos de instituições financeiras especializadas, a uma taxa de juros competitiva.

Neste contexto, verifica-se que a gestão financeira é essencial para pequenas empresas nos dois primeiros anos de operação. Se não produzem fluxos de caixa adequados para cobrir os custos, não poderão sobreviver e crescer no futuro. Desta forma é necessário que a pequena empresa adote estratégias para controlar o fluxo de caixa e tome decisões para auxiliar no seu crescimento econômico, aumentando as chances de sobrevivência no mercado. Assim, identifica-se a seguinte questão de pesquisa: *“Como uma DFC eficiente e eficaz pode auxiliar na gestão de Micro Empresas e como o uso da DFC nas Micros e Pequenas Empresas pode contribuir no processo de tomada de decisão?”* No desenvolvimento da pesquisa busca-se responder as perguntas e incentivar o Micro e Pequeno Empresário a utilizar a DFC como mais uma ferramenta para sua gestão.

Logo, para responder a problemática levantada, a pesquisa possui como objetivo geral estudar a importância da demonstração do fluxo de caixa nas pequenas empresas influenciando na tomada de decisão. As ações de pesquisa envolvem a execução dos seguintes objetivos específicos para o alcance do objetivo principal: (i) Analisar a evolução histórica da contabilidade; e (ii) Demonstrar os principais requisitos do fluxo de caixa de uma pequena empresa.

Em suma, a relevância do trabalho consiste em mostrar que a DFC é uma ferramenta que demonstra informações das movimentações ocorridas durante determinado período e contribui com a gestão empresarial, que pode ajudar a melhorar as perspectivas no mercado, uma vez que o crescente processo administrativo afirma a complexidade de uma gestão empresarial, em que é preciso saber qual ferramenta utilizar para melhorar o desempenho operacional em relação ao mercado que está sempre em modificações. A análise desta demonstração ajuda o Micro e Pequeno Empresário a avaliar a capacidade que a Micro e

Pequena Empresa tem de gerar resultados satisfatórios para todos os usuários envolvidos na execução da atividade e contribui com o processo de tomada de decisão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Histórico e Evolução da Contabilidade

A contabilidade é um excelente instrumento de identificação, registro, acumulação, análise, interpretação e informação das operações empresariais aos sócios, acionistas e investidores em geral, além dos administradores.

De acordo com Kroetz (2001, p. 24) a contabilidade é uma ciência social, é vital compreendê-la como um sistema aberto, sendo importante verificar a caracterização e a evolução da teoria Geral dos Sistemas.

Então, o objetivo da contabilidade pode ser estabelecido como sendo o de fornecer informação estruturada de natureza econômica, financeira e, subsidiariamente, física, de produtividade e social, aos usuários internos e externos à entidade objeto da Contabilidade (MARION, 2003, p. 53).

Assim, a contabilidade é uma enorme fonte de registro, interpretação e informação de dados empresariais e governamentais, deve também, passar a preocupar-se com o retorno a ser dirigida a toda a sociedade. A Contabilidade é a alma da empresa, nela ficam registrados todos os atos e fatos. Se os atos do administrador são corretos: documentação adequada, transações negociais dentro do objeto da empresa, o reflexo é imediato: a Contabilidade é transparente.

Desse modo, a Contabilidade tem o patrimônio das empresas como seu objeto de estudo e o seu objetivo é revelar como se encontra e quais os fatores que proporcionaram mudanças ao mesmo, fornecendo assim, informações úteis à tomada de decisões. Nos Estados Unidos por exemplo, as informações contábeis são produzidas principalmente para os pequenos e médios investidores, enquanto que no Brasil são destinadas principalmente ao Fisco, não havendo muita transparência nos demonstrativos contábeis.

Por consequência, o dever de demonstrar a situação do patrimônio e o resultado do exercício de forma clara e precisa, e rigorosamente de acordo com os conceitos, princípios e normas básicas é da contabilidade. O resultado apurado deve ser economicamente exato. O objetivo básico dos demonstrativos financeiros é prover informação útil para a tomada de decisões econômicas.

Segundo Íudicibus (2000), a contabilidade realiza os seus objetivos por meio de informações aos usuários das Demonstrações Contábeis. Tais informações possuem características próprias, que as definem e as tornam úteis as reais finalidades de informar. Para tanto, tais características devem assemelhar-se às dos Princípios e normas contábeis sendo, portanto, componentes que tornam útil a informação no momento de se fazer a opção quanto a divulgação de um fato contábil.

Enfim, o principal objetivo da contabilidade é o seu usuário, interno e externo quer sejam acionistas, sócios, proprietários, credores, financiadores, investidores, fornecedores, governos, empregados quer seja a sociedade. Também, pouca importância terá uma informação contábil se a utilidade a que se destina é nula. A informação contábil é um instrumento para a tomada de decisões, portanto, deve atender a todos os objetivos a que se destina.

2.2 Micro e Pequenas Empresas

Ao discutir a micro, pequenas e médias empresas, é necessário que tenha um entendimento comum da terminologia. Classificando empresas em micro, pequenas ou médias empresas podem ser baseadas em uma empresa vendas ou o número de empregados que trabalham para a empresa. A definição pode variar entre países ou instituições junto com as diferenças em termos econômicos ou nível de riqueza dos países.

Assim sendo, há na literatura e publicações pertinentes diversos parâmetros para definir e classificar as empresas que são consideradas micro e pequenas empresas, para fins de estudo e para enquadramento com o intuito de usufruir dos benefícios da lei. Apesar do fato de que as Micro e Pequenas Empresas terem muito potencial para a construção de uma estabilidade econômica e crescimento, o desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas é uma questão difícil.

Em consequência os problemas mais comuns para as MPMEs são falta de gestão, dificilmente uma empresa que não tenha foco em resultados e não comunique a cada colaborador o que deve ser feito de forma estruturada terá sucesso. Também, não ter planejamento jurídico e empresarial; não ter fluxo de caixa, abrir uma empresa sem possuir uma reserva financeira é muito arriscado. O indicado é que se tenha, ao menos, três faturamentos brutos para o fluxo de caixa. Isso ajudará caso ocorram inadimplências, queda nas vendas, demissões, problemas jurídicos e outras eventualidades, entre outros problemas.

Desta maneira, o acesso ao capital não é a única restrição para o crescimento das Micro e Pequenas Empresas, mas é considerado um item relevante ao seu desenvolvimento. É comum o mal-entendido em relação aos bancos, que estão relutantes em emprestar dinheiro para Micro e Pequenas Empresas, pois acreditam que os empréstimos não são comercialmente viáveis para eles.

Para fins didáticos, encontra-se em primeiro lugar a classificação referente à estrutura da organização da microempresa e da pequena empresa, na qual o proprietário centraliza quase todas as atividades, exercendo várias funções ao mesmo tempo.

Segundo Palermo (2001), uma segunda classificação é aquela em que o parâmetro utilizado é o volume monetário ou econômico da empresa. Esta classificação é utilizada pelas leis federais e estaduais para fins de tributação, considerando os limites de faturamento e seu enquadramento como micro e pequena empresa.

Pode-se destacar ainda um terceiro parâmetro utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que é a quantidade de pessoas que trabalham nessas empresas. Assim, é considerada microempresa aquela que emprega até nove pessoas no ramo de atividade de comércio e serviços e até dezenove pessoas na indústria. A pequena empresa emprega de dez a quarenta e nove pessoas no comércio e serviços e de vinte a noventa e nove pessoas na indústria.

Em conclusão, os obstáculos ou dificuldades encontradas pelas micro e pequenas empresas são função do padrão de comportamento dos empresários em relação à competitividade que, por sua vez, resulta da educação que tiveram e do ambiente em que vivem (ARRUDA, 2002).

2.3 Demonstração Fluxo de Caixa nas Pequenas Empresas

De acordo com Pivetta (2005), na pequena empresa, devido à simplicidade de sua estrutura, que muitas vezes prescinde de áreas, departamentos e seções, a principal contribuição do fluxo de caixa é exatamente na compreensão dos efeitos das decisões tomadas, com relação às disponibilidades da empresa. O empreendedor, ao conceder prazo para pagamento ou descontos aos clientes, pode gerar a necessidade de captação de recursos para pagamento das obrigações e, conseqüentemente, implicar na incorrência de despesas financeiras.

A Importância da Demonstração do Fluxo de Caixa para as Micros e Pequenas Empresas no Processo de Tomada de Decisão

Assim deve ser considerado o custo da operação, ao calcular-se, por exemplo, os preços praticados para vendas a prazo. A contribuição do fluxo de caixa é, portanto, fundamental no entendimento do funcionamento da própria empresa e das implicações das decisões tomadas.

Também rendimentos, incluindo os lucros e fluxo de caixa, embora relacionados, são dois conceitos diferentes distintamente. Lucros e ganhos são criados por convenções contabilísticas e incluem artigos tais como a depreciação. Por outro lado, é uma análise do calendário de recebimentos e desembolsos de caixa durante um período de tempo específico.

Dessa forma, os índices de lucratividade medem o ganho que a empresa está tendo em relação a sua receita realizada. MATARAZZO (1998) explica que a lucratividade pode ser medida em três etapas: Lucratividade Bruta, Lucratividade Operacional e Lucratividade Líquida ou Margem Bruta, Margem Operacional e Margem Líquida. A margem representa a “sobra” ou excesso de receita sobre os custos e pode ser obtida dividindo-se o resultado de seus três estágios de resultados pelo faturamento líquido da empresa.

Além disso, os itens pré-pagos como seguro, suprimentos, contratos de manutenção, etc., são pagamentos em dinheiro, que são normalmente feitos com antecedência. (IUDICIBUS, 2000). O caixa gera lucro a partir do momento em que, havendo excedente de caixa disponível para aplicação, existe o recebimento dos juros auferidos. Em contra partida, a escassez de caixa influi diretamente no resultado contábil, em virtude do pagamento dos juros sobre a contratação de recursos de terceiros (FREZATTI, 1997).

Da mesma forma o capital de giro líquido é a diferença entre um negócio atual e seu ativo e seu passivo. O capital de giro se refere a decisões relativas aos tipos e quantidades de recursos atuais e os meios de financiamento. Estas decisões envolvem necessariamente: gestão de caixa e estoques e a política de crédito e cobrança de contas a receber; empréstimos de curto prazo e oportunidades de financiamento, tais como o crédito comercial; financiamento de estoques; e financiamento de recebíveis.

Logo, trabalhar a gestão do capital está relacionado com o dia-a-dia das operações, em vez de negócio a longo prazo. Por exemplo, os planos para a introdução de novos produtos ao mercado e planos para obtenção dos recursos e equipamentos necessários para produzi-los são de natureza estratégica, bem como os financiamentos a longo prazo. Por outro lado, as políticas de gestão de capital de giro são alvo de preocupações de curto prazo, tais como: disponibilidade de matérias-primas e estoques; funcionamento contínuo da linha de produção; concessão de crédito aos clientes e cobrança, devido às contas do passado; tirar vantagem das

compras de crédito e os descontos para pagamentos antecipados; e a gestão da conta de dinheiro.

Para Assaf Neto (2002) a importância e o volume de capital de giro para uma empresa são determinados principalmente por fatores como: o volume de vendas, identificado pelo volume de estoques, contas a receber e geração de caixa; sazonalidade dos negócios, determinando a necessidade de recursos financeiros para financiar a operação da empresa ao longo do período; contexto econômico, variações de mercado e recessão econômica; tecnologia, englobando custos e tempo de produção; e política de negócios, centradas em alterações de vendas, de crédito, produção, entre outros.

Uma vez que a empresa média tem cerca de 40 por cento do seu capital empregado em ativos circulantes, as decisões relativas a trabalhar o capital tem muito sucesso nos negócios de impacto. Isto é especialmente verdade para as pequenas empresas que muitas vezes minimizam os seus investimentos em ativos fixos por leasing ao invés de comprar, mas que não podem evitar o investimento em estoques, créditos e recebíveis.

Com isto, as pequenas empresas tendem a ter um número limitado de oportunidades de financiamento e menor acesso aos mercados de capitais, exigindo que elas dependam fortemente de crédito de curto prazo, como contas a pagar, empréstimos bancários e crédito garantido por estoques e/ou contas a receber. O uso de qualquer uma destas fontes de financiamento influencia no capital de giro, aumentando o passivo circulante.

Finalmente, há uma relação direta entre o crescimento das vendas e os níveis de ativo circulante. Vendas maiores só podem ser concretizadas com os aumentos de produção. Maior produção, porém, exige um maior investimento nos estoques. Além disso, se uma empresa compra a crédito, suas contas a pagar aumentam, e quando ele vende a crédito, as suas contas a receber diminuem. Por isso, as vendas mais elevadas requerem um maior investimento no ativo circulante, que, por sua vez, exige um maior financiamento. Se o objetivo da empresa é maior lucro, a importância da gestão de capital de trabalho efetivo se torna evidente.

3. METODOLOGIA

3.1 Natureza da Pesquisa

De acordo com Nascimento (2008) o estudo é dinâmico, flexível, o raciocínio é dialético, a visão da realidade é o todo, esta é subjetiva e múltipla, é analisada a partir da visão

dos sujeitos. O pesquisador interage com os sujeitos pesquisados. As definições evoluem a partir dos estudos realizados.

O pressuposto metodológico é indutivo, simultâneo, as categorias são indicadas durante o processo de pesquisa, as teorias são utilizadas para a compreensão da realidade, não se perturba pela falta de regras para conduzir a pesquisa e o contexto é importante. Os elementos fundamentais para a coleta de dados são as observações, questionários, entrevistas e os elementos para as análises dos dados são as interpretações de palavras, análises concomitantes à coleta.

3.2 Formas da Pesquisa

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 190) a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em apenas ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

A pesquisa bibliográfica abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, documentos mimeografados ou xerocopiados, mapas, fotos, manuscritos, etc. Todo material recolhido deve ser submetido a uma triagem, a partir da qual é possível estabelecer um plano de leitura. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se faz acompanhar de anotações e fichamentos que, eventualmente, poderão servir à fundamentação teórica do estudo.

Por isso, deve ser uma rotina tanto na vida profissional de professores e pesquisadores, quanto nos estudantes. Isso porque a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Ela dá suporte a todas as fases da pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

Encontra-se em Lakatos e Marconi (2001), Nascimento (2008) entre outras, importantes diretrizes para o êxito, na pesquisa bibliográfica, no que se refere à leitura, análise e interpretação de textos.

3.3 Tipo de Pesquisa

Segundo Beuren (2006), a pesquisa qualitativa é a mais ampla no que diz respeito à abordagem complexa do problema a ser pesquisado, pois a mesma é um conjunto de técnicas

que analisa a correlação existente entre certas variáveis, faz a compreensão e a classificação dos processos dinâmicos que são vivenciados no grupo social a ser pesquisado.

Tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, pois através da consulta realizada a livros técnicos e a outras pesquisas publicadas foram realizadas interpretações sobre o papel da contabilidade nas empresas de pequeno porte.

Conforme Beuren (2006, p. 86) de que “a pesquisa bibliográfica é a que explica um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos”.

A pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico em livros técnicos, artigos publicados por outros estudiosos e consulta a internet.

3.4 Coleta de Dados

De acordo com Severino (2003, p. 99) “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Não consiste em apenas ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

Para Nascimento (2008, p. 37) “a principal forma de coleta de dados é a leitura (livros, revistas, jornais, sites, CDs etc.), que certamente é utilizada para todos os tipos de pesquisa. Esta técnica também é chamada de pesquisa bibliográfica”.

Quanto aos instrumentos de pesquisa foi utilizada a pesquisa bibliográfica onde os dados a princípio foram obtidos através das mesmas, e também a pesquisa documental pelo fato de o estudo necessitar de dados provenientes de documentos relacionados a outras empresas.

Marconi; Lakatos (2007, p. 34), “uma vez manipulados os dados e obtidos os resultados, o passo seguinte é a análise e interpretação destes, constituindo-se ambas no núcleo central da pesquisa”.

A técnica utilizada na pesquisa será análise bibliográfica e documental, pois tentará demonstrar através de levantamento bibliográfico e documental as relações existentes entre a forma como são executadas as atividades contábeis e quais implicações isso pode ocasionar nas pequenas empresas, com isso será feito uma apreciação crítica da contribuição que a contabilidade pode oferecer à sociedade.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O formato mais usado para a demonstração dos fluxos dos recursos é dividido em três seções: fluxos de caixa das atividades operacionais, os fluxos de caixa das atividades de investimento e os fluxos de caixa das atividades de financiamento.

Segundo Iudícibus (2000), fluxos de caixa das atividades operacionais estão relacionadas à sua principal linha de negócios e inclui o seguinte: Recebimentos de vendas ou de prestação de serviços; Salários e outros pagamentos a empregados; Pagamentos a fornecedores e empreiteiros; Pagamentos de aluguel; Pagamentos por serviços de utilidade pública; e Pagamentos de Imposto.

As atividades de investimento incluem as despesas de capital - as despesas que não são cobradas como despesa, mas sim, são capitalizadas como ativos no balanço. Investir em atividades também incluem investimentos (exceto equivalentes de caixa, conforme indicado abaixo) que não fazem parte de sua linha normal de negócios. Esses fluxos de caixa podem incluir, conforme ZDANOWICZ (2002): As compras de bens, instalações e equipamentos; Produto da venda de bens, instalações e equipamentos; Compras de ações ou outros valores mobiliários (exceto equivalentes de caixa); e Produto da venda ou resgate de investimentos.

Também, o financiamento das atividades incluem fluxos de caixa relativos à dívida da empresa ou de capital próprio de financiamento: Receitas provenientes de empréstimos, notas e outros instrumentos de dívida; Pagamentos de prestações de empréstimos ou outros tipos de pagamento de dívidas; O valor recebido da emissão de ações ou no capital da empresa; e Os pagamentos de dividendos, compra de ações em tesouraria, ou retornos de capital.

De acordo com Matarazzo (1998), caixa para fins da demonstração dos fluxos de caixa normalmente inclui caixa e equivalentes de caixa. Equivalentes de caixa são de curto prazo, investimentos temporários que podem ser facilmente convertidos em dinheiro, como títulos e valores mobiliários, certificados de curto prazo do depósito, bilhetes do tesouro e papel comercial.

Assim, a demonstração de fluxo de caixa mostra o saldo de abertura de caixa e equivalentes de caixa para o período de referência, o caixa líquido gerado ou usado em cada uma das categorias, o aumento ou a diminuição líquida em dinheiro e equivalentes de caixa no período, e o saldo final.

Deste modo, existem dois métodos para a preparação da demonstração dos fluxos de caixa - método direto e o método indireto. Ambos os métodos produzem o mesmo resultado, porém diferentes procedimentos são utilizados para chegar ao fluxo de caixa.

A Importância da Demonstração do Fluxo de Caixa para as Micros e Pequenas Empresas no Processo de Tomada de Decisão

Pelo método direto, que são basicamente analisar o dinheiro e contas bancárias para identificar os fluxos de caixa durante o período. Pode-se usar um relatório geral ou um livro detalhado mostrando todas as entradas para o caixa e contas bancárias, ou pode-se usar a recebimentos e pagamentos revistas. Então, determina-se a entrada de compensação para cada entrada de dinheiro, a fim de determinar onde cada movimento de caixa deve ser relatado na demonstração dos fluxos de caixa (PADOVEZE, 2000).

Outra maneira de determinar os fluxos de caixa pelo método direto é preparar uma planilha para cada item da linha principal, e eliminar os efeitos de contabilidade pelo regime de competência, a fim de chegar ao efeito de caixa líquido para o item de linha especial para o período. Alguns exemplos para as atividades da seção operacional incluem:

• Recebimentos de clientes:
A receita líquida por declaração de renda.
• Os pagamentos em dinheiro para o inventário:
O inventário.
Menos estoque inicial.
• Dinheiro pago aos empregados:
Vencimentos e salários, por declaração de renda.
Plus no saldo inicial dos vencimentos e salários a pagar.
• Dinheiro pago para as despesas operacionais:
As despesas operacionais na demonstração de resultados por amortização menos despesas.
• Impostos pagos:
Gasto de impostos por declaração de renda.
• Juros pagos:
Juros por declaração de renda.

Pelo método direto, para este exemplo, ter-se-ia então o seguinte relatório nos fluxos de caixa das atividades operacionais na seção da demonstração dos fluxos de caixa:

Recebimentos de clientes
Os pagamentos em dinheiro para o inventário
Pecuniárias pagas aos empregados
Dinheiro pago para as despesas operacionais
Impostos pagos
Juros pagos
Igual à caixa líquido gerado por (usado em) atividades operacionais.

De acordo com Matarazzo (1998), similares tipos de cálculos podem ser feitos das contas do balanço e eliminar os efeitos da especialização dos exercícios e determinar os

fluxos de caixa a serem relatados nas atividades de investimento e de financiamento de atividades de seções da demonstração dos fluxos de caixa.

Em vista disso, na preparação dos fluxos de caixa operacionais na seção de atividades no âmbito do método indireto, começa com o lucro líquido por a declaração de renda, inverte as entradas de contas de receitas e despesas que não envolvam a circulação de dinheiro, e mostra a variação do capital circulante líquido. Entre os que afetam o lucro líquido, mas não representa o fluxo de caixa pode incluir a renda que se ganhou, mas ainda não recebeu amortização de despesas pré-pagas, acrescidas despesas e de depreciação ou amortização.

De acordo com este método que são basicamente analisando as contas de receitas e despesas e capital de giro. O seguinte é um exemplo de como o método indireto seria apresentado na demonstração dos fluxos de caixa, de acordo com Iudicibus (2000):

Lucro líquido da declaração de renda.
Mínus nas entradas para contas de receitas que não representam os fluxos de caixa.
Plus nas entradas para as contas de despesas que não representam os fluxos de caixa.
Os fluxos de caixa são iguais à antes de movimentos de capital de giro.

Dessa forma, um aumento no ativo circulante (excluindo dinheiro e equivalentes) seria mostrado como uma figura negativa, porque dinheiro foi gasto ou convertidos em outros ativos circulantes, reduzindo o saldo de caixa. Uma diminuição no ativo circulante será mostrada como um valor positivo, porque outros ativos circulantes foram convertidos em dinheiro. Um aumento no passivo circulante (excluindo a dívida de curto prazo que seria relatado na seção de atividades de financiamento) seria mostrado como uma figura positiva, pois significa que mais responsabilidades menos dinheiro foi gasto.

Conforme Zdanowicz (2002) as organizações necessitam conhecer o volume de entradas e saídas dos recursos financeiros. Para isso é preciso manter atualizado o fluxo de caixa, possibilitando mensurar e estabelecer, com uma maior facilidade, os níveis de caixa para períodos futuros.

Sendo assim, a redução no passivo circulante será mostrada como uma figura negativa, porque dinheiro foi gasto, a fim de reduzir o passivo. O efeito líquido do exposto, então, ser relatado como o dinheiro fornecido por atividades operacionais. Também os fluxos de caixa das atividades de investimento e de financiamento serão apresentados da mesma forma que pelo método direto. O fluxo de caixa, segundo o modelo de Zdanowicz (2002),

pode perfeitamente atender as necessidades dos micros e pequenas empresas. Assim, observam-se os seguintes itens que compõem o fluxo de caixa:

O saldo inicial de caixa consiste no saldo final de caixa no período anterior de apuração;
Os ingressos operacionais são resultados das vendas à vista, das cobranças em carteira e bancárias, dos descontos de duplicatas e as cauções depois de deduzidos os reembolsos;
Os desembolsos operacionais são decorrentes das compras efetuadas à vista, dos pagamentos de fornecedores e despesas gerais atreladas a atividade principal da empresa;
O saldo operacional é o resultado da diferença entre os ingressos e desembolsos operacionais do mesmo período de apuração;
Os ingressos extra-operacionais representam as entradas de caixa ocorridas que não tem origem na atividade principal da empresa, dessa forma, são apurados neste item os valores com aluguéis recebidos, os empréstimos captados, entradas de capital social, dentre outros;
Os desembolsos extra-operacionais decorrem das saídas de caixa efetuadas no período em virtude de compromissos assumidos pela empresa, no qual não estejam atrelados a sua atividade principal, ou investimentos no imobilizados;
O saldo extra-operacional, de igual modo, resulta na diferença entre os ingressos e desembolsos do caixa extra-operacional no mesmo período de apuração;
O saldo apurado é obtido por meio da adição dos saldos operacionais e extra-operacionais apurados no mesmo período; Os pagamentos e apurações de compromissos vencidos resultam da preocupação com o controle dos pagamentos em atrasos remanescentes do período anterior, acumulando para o período apurado e subsequente, em virtude, por exemplo, de uma insuficiência de caixa ou renegociação dos pagamentos;
Os empréstimos são captados para suprir a necessidade de caixa no período, enquanto as amortizações são as devoluções do valor tomado emprestado às instituições financeiras;
As aplicações no mercado financeiro devem ser efetuadas quando existe saldo excedente de caixa, desde que não comprometa a liquidez, assim a empresa poderá efetuar o resgate do valor aplicado, acrescidos dos juros auferidos, caso seja necessário;
Dependendo da política da empresa pode-se manter uma reserva de caixa para as despesas não previstas, podendo ainda o valor está aplicado no mercado financeiro de curtíssimo prazo;
O saldo final de caixa, analisando segundo o fluxo de caixa projetado, consiste no nível desejado de caixa para o período seguinte, observando que será o saldo inicial do período subsequente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eficiência e a eficácia da Demonstração do Fluxo de Caixa estão em contribuir com o processo decisório do Micro e Pequeno Empresário, em que saberá quando e quanto ele poderá fazer desembolsos e investimentos, quais as decisões tomar perante setores distintos e obter retornos satisfatórios da empresa. Mesmo que a Projeção do Fluxo de Caixa não seja positiva, o resultado servirá como amostra para futuras decisões e melhoramento das mesmas.

Desse modo, o espírito de empreendedorismo que o empresário adquiriu antes de iniciar um negócio é uma grande influência no modelo de Micro e Pequeno Empresário, em

que será definido a partir do tipo de caminho ou atividade que vai seguir e como será o andamento do processo de desenvolvimento da empresa. O Micro e Pequeno Empresário devem estar interligados aos setores que compõem a empresa e atento nas causas que poderão contribuir ou afetar no processo de decisão do Micro Empresário.

Então as operações, os financiamentos e os investimentos estão interligados ao caixa, os dados coletados precisam ter base real, caso ao contrário, a decisão tomada poderá ser um dos maiores riscos que o Micro e Pequeno Empresário ocasionará no processo de desenvolvimento da empresa. A elaboração da Demonstração do Fluxo de Caixa contribui com o processo decisório da gestão financeira da empresa, em que são evidenciadas as disponibilidades existentes na entidade.

Assim, a Demonstração do Fluxo de Caixa não se difere de outras demonstrações, para que tenha coerência na tomada de decisão é preciso coletar dados que contribuam com a otimização do Fluxo de Caixa, qual informação obtida incorretamente, a tomada de decisão poderá ser desastrosa tanto no aspecto interno, quanto externo.

Por isso decidir as ações da empresa não é apenas agir, mas é saber de que forma agir. Planejar é essencial para uma tomada de decisão e contribui com decisões futuras ou ações que indique possíveis acertos nos resultados da empresa. Para todas as decisões que iremos tomar sendo estes pessoais ou profissionais é preciso que haja antes de tudo planejamento de origem verídica e real, pois decidir implica necessariamente saber o que fazer.

Diante disso, é observado que a maioria dos Micro e Pequenos Empresários não possui interesse em utilizar essa ferramenta no seu processo decisório, e a pesquisa busca influenciar, pois como administrar e gerenciar um negócio sem obter um controle adequado de suas saídas e entradas.

Finalmente, conclui-se que a Demonstração do Fluxo de Caixa facilita na tomada de decisão do gestor, sendo esta direcionada às operações internas e externas, e realizada nas Micro e Pequenas Empresas, ajudará o empresário a verificar alterações equivalentes as zela para setores distintos ou para a empresa como todo.

Sugere-se como prosseguimento dessa pesquisa, após as análises e observações feitas no decorrer do trabalho, a implantação e uso das ferramentas gerenciais aqui comentadas com o fim de amenizar as possíveis restrições causadas pela falta de informação gerencial durante o processo decisório. Contudo, vale lembrar que a implantação de tais ferramentas depende, principalmente, da vontade do empresário e da capacitação técnica do profissional contábil que lhe assiste.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Mauro. **A inserção de produtos no mercado**. Revista SEBRAE, Brasília, nº 6, págs. 69-73, set/out, 2002.
- ASSAF NETO, A., SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- FREZATTI, F. **Gestão do fluxo de caixa diário: como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio**. São Paulo, Atlas, 1997.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de et al. **Manual de contabilidade das sociedades por ações: aplicável também as demais sociedades**. 5ª Edição, São Paulo: Atlas, 2000.
- KROETZ, C. E. S. **Balanco Social. Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 10. Ed. São Paulo: Atlas; 2003.
- MATARAZZO, Dante. **Análise Financeira de balanços**. 5ª edição: São Paulo: Editora Atlas: 1998.
- NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Fórum, 2008.
- Os problemas mais comuns das pequenas e médias empresas**. Disponível em: <<https://empresasecooperativas.com.br/problemas-das-pequenas-e-medias-empresas/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2019.
- PADOVEZE, Clovis Luiz. **Contabilidade Gerencial: Um enfoque em sistema de informação contábil**. 3ª ed., Atlas: São Paulo, 2000.
- PALERMO, Fernanda Kellner de Oliveira. **As micros e pequenas empresas como propulsoras do desenvolvimento econômico e social**. Contribuição para o incremento das atividades econômicas no âmbito do MERCOSUL. Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=2735>. Acesso em 18 novembro 2019.
- PIVETTA, Geize. **UTILIZAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA NAS EMPRESAS: UM MODELO PARA A PEQUENA EMPRESA**. **Revista eletrônica de Ciências contábeis**. Curso de Ciências Contábeis UFSM, VOLUME I. N.2 DEZ/2004-FEV/2005.
- SEBRAE. **Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas**. Relatório de Pesquisa. Brasília, out/1999.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- REGMPE, Brasil-BR, V.4, Nº3, p. 1-17, Set./Dez.2019 <http://www.regmpe.com.br>

A Importância da Demonstração do Fluxo de Caixa para as Micros e Pequenas Empresas no Processo de Tomada de Decisão

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa**. 6. Ed. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzardo, 1995.